

COVEMG - MARIA DA GLÓRIA

ENTREVISTADOR: Então, se você me permite. Hoje, então, é dia 07 de fevereiro de... posso colocar aqui?

MARIA DA GLÓRIA: Pode, pode.

ENTREVISTADOR: 07 de fevereiro de 2017. Nós estamos aqui na sede da União Operária de Governador Valadares... com a Dona?

MARIA DA GLÓRIA: Maria da Glória Fernandes Nascimento.

ENTREVISTADOR: Maria da Glória Fernandes Nascimento.

MARIA DA GLÓRIA: Eu sou coordenadora atual da entidade.

ENTREVISTADOR: Coordenadora atual da entidade, e está aceitando colaborar com a Comissão da Verdade de Minas, inclusive, disponibilizando o depoimento que a senhora vai prestar para a gente.

MARIA DA GLÓRIA: Um pouco da história, do que eu sei da União Operária, né?

ENTREVISTADOR: Isso, exatamente. Tá. Mas como eu estava falando que, talvez, essas atas e, se a gente conseguisse, talvez, aqui, dar uma olhadinha desse período Pré-64, e depois quando recomeçou, para ver se tem alguma coisa registrada lá, né?

MARIA DA GLÓRIA: Sim, sim. Eu posso, eu posso disponibilizar, a gente tem uma sala aqui embaixo onde é o nosso escritório, que é o local que eu trabalho, né?

ENTREVISTADOR: Sei.

MARIA DA GLÓRIA: E eu posso disponibilizar para vocês darem, sentar lá e dar uma pesquisada nos livros da época, né, ver se acha alguma coisa que dá para...

ENTREVISTADOR: Sei. A senhora, então, quer falar para a gente um pouco sobre a história da união que a senhora sabe, principalmente, focando nessa questão de como que os camponeses trabalhadores rurais, qual que é a relação que eles têm aqui nessa cidade, o que a senhora sabe o que aconteceu nesses períodos de perseguição?

MARIA DA GLÓRIA: Sim, sim. A União Operária ela foi fundada em 1935, né, pelos trabalhadores da época, não existia proteção nenhuma, proteção trabalhista nenhuma. Então os trabalhadores se organizaram para garantir os direitos mínimos, dados os trabalhadores da época. Aqui era uma região, especificamente, região de madeira, de (Trecho Incompreensível), de fazendas, né, então os trabalhadores eram muito explorados. O objetivo inicial dela era dar assistência mesmo aos

trabalhadores, era fazer funerais, assistência médica, assistência médica, né, cuidado com a saúde. E aí a entidade foi se organizando ao longo desse tempo, né? No princípio ela era uma, chamava União Operária Beneficente de Figueira, foi o primeiro nome dela, né, e aos poucos foi se organizando e construiu o patrimônio. No entorno daqui de onde ela funciona tinha muita madeireira, então ela se organizava com esses trabalhadores. Não existia, na época, categoria específica, né, então filiava, participavam da União todos os trabalhadores, independente de onde eles trabalhavam, né? Se organizavam os pedreiros, os marceneiros, os carpinteiros, o pessoal que trabalhava na madeira, né, os trabalhadores rurais que vinham para a cidade e tal. Com o tempo a União Operária acabou se tornando referência para, né, de organização dos trabalhadores, ela esteve na maioria das lutas. Já organizou escola, inclusive, como não tinha escolas organizadas, a que tinha aconteciam cursos de alfabetização para as crianças, né, e organização e trabalho para os adultos. Depois, com o advento da CLT, né, em 35, né, a década de Vargas, ela organizou muito trabalhador, e aqui se deu várias lutas, inclusive, já recebeu aqui na sede da União Operária o Ministro do Trabalho, o Ministro da Agricultura. Por aqui se organizou várias lutas, inclusive discussões da Reforma Agrária, né, já aconteceram aqui. Aí, com a questão do Golpe Militar, da organização da direita, foram perseguidas as entidades que faziam defesa de trabalhadores, defesa de condição de vida e tudo. A União Operária foi uma delas, por quê? Porque aqui estava se dando a discussão da, na época do Jânio, Jânio...

ENTREVISTADOR: Jango.

MARIA DA GLÓRIA: Jango, né. Na época do Jango estava se discutindo a questão da Reforma Agrária, a criação dos chamados Cinturões Verdes, né, para voltar para os trabalhadores ocuparem a maioria das rodovias para plantar e produzir, né? Então essa discussão estava se dando aqui na União Operária. Aí com, vindo o Golpe, a União Operária também foi fechada, foi, o Golpe Militar, vocês devem ter ouvido, começou lá no bairro Santa Terezinha com a liderança chamada Chicão, ele era um sapateiro que organizava as lutas dos trabalhadores também, né? E começou lá no Santa Terezinha e veio fazendo um levante, veio lavando, né, a busca das lideranças que tinham aqui na cidade. Aí chegou aqui na União Operária, já era nesse prédio, em uma estrutura menor, chegou aqui, ocupou funcionário do sindicato da construção civil, tinham alguns, alguns sindicatos já estavam se organizando, e ocupou a sede, pegou o que tinha de documentação, de coisa, foi destruído.

ENTREVISTADORA: Mas foram agentes do estado que ocuparam?

MARIA DA GLÓRIA: Foram os agentes da repressão, né, a gente não tem muita informação, sabe porque diretores da época contaram como é que eles vieram, né, e caçando as lideranças, né?

ENTREVISTADORA: Mas isso foi em 64?

MARIA DA GLÓRIA: 64 mesmo.

ENTREVISTADOR: Mas esse grupo que chegou aqui, pelos relatos, eram, por exemplo, fazendeiros, eram policiais, eram capangas, eram milicianos?

MARIA DA GLÓRIA: Pois é. Eu não sei te dar essa informação com certeza.

ENTREVISTADOR: Certo.

MARIA DA GLÓRIA: Só sabe que vieram, ocuparam e levaram a documentação, né, e fechou a entidade, ela ficou fechada por um bom tempo, mas quem estava na direção tinha guardado em casa, sabendo da mobilização que estava para acontecer, tinha guardado em casa os livros de ata, foi só o que sobrou da instituição.

ENTREVISTADOR: Uhum.

MARIA DA GLÓRIA: Aí ela ficou fechada por um tempo e a sua direção na clandestinidade, reunindo de vez em quando, né. Quando foi... depois com o advento do novo sindicalismo, eles começaram a reunir de novo e reorganizaram.

ENTREVISTADOR: Isso já na década de 70?

MARIA DA GLÓRIA: Já na década de 70, é.

ENTREVISTADOR: Então quer dizer, de 64 até mais ou menos 70...

MARIA DA GLÓRIA: É, ela ficou parada, ficou sem...

ENTREVISTADOR: Sem organização.

MARIA DA GLÓRIA: É, a gente não tem registro de nada nos livros, né? Na década de 80, com o surgimento do novo sindicalismo, aí já estava surgindo aqui em Valadares, Valadares era uma cidade tipicamente de coronéis, a gente tem, as histórias aqui contam que era uma cidade bem coronelista, né, e muita exploração de trabalhadores, muita exploração no campo, aí os trabalhadores começaram a se organizar com o novo sindicalismo, aí os sindicatos começaram a ser perseguidos de novo. Aí a gente já, pessoal comerciários, pessoal da indústria de alimentação, e aí um companheiro nosso da luta, da organização do Partido dos Trabalhadores, ficou sabendo da existência dessa entidade e começou a pesquisar, e encontrou, né, algumas pessoas que tomavam conta do acervo de livros, e a gente começou a negociação para retomar

essa entidade, fazer com que ela ficasse, fosse uma referência dos trabalhadores de novo.

ENTREVISTADOR: Nesse período que a União ficou fechada, esse prédio, esse local, quê que aconteceu? Isso aqui ficou abandonado?

MARIA DA GLÓRIA: É, ficou abandonado, fechado. Nesse período houve uma porção de intervenções, por exemplo, houve venda do prédio, diretor se sentindo no direito de vender, prefeitura queria desapropriar, ficou, e alguns lutando, era um cabo de guerra, uns puxavam de lá e uns puxavam de cá, mas garantiu que o prédio permanecesse sob o domínio dos trabalhadores, sob aquela direção que estava na época. Depois disso, aí eles começaram a alugar o prédio todo para bares, tinha uma pensão, umas coisas por aqui, para gerar recursos para poder manter. Quando nós fizemos a discussão da retomada, aí nós viemos o sindicato, os sindicatos que estavam se organizando estavam sem lugar de funcionamento, o empresariado imobiliário de Valadares tinham se organizado para não alugar salas para sindicatos. Então tinham os bancários, os comerciários e os trabalhadores da indústria de alimentação, tinha associação dos carroceiros, tinha uns grupos já funcionando. Aí, sabendo dessa existência desse prédio, aí começou a organizar e fez uma negociação com os diretores antigos e retomou para o domínio dos trabalhadores.

ENTREVISTADOR: Então quer dizer que, durante esse período, ficou, o prédio ficou em nome de alguns diretores da antiga União Operária?

MARIA DA GLÓRIA: Ficou, é. Da antiga União Operária.

ENTREVISTADOR: E depois houve uma negociação para retomar (Trecho Incompreensível).

MARIA DA GLÓRIA: Retomada. Aí nós retomamos, fizemos alteração de estatuto para poder dar direito aqui aos sindicatos, pudessem participar, porque até então só podia filiar à União Operária o trabalhador comum, sem organização, né. E nós fizemos a discussão, colocamos no estatuto que podiam filiar à União Operária também entidades representativa dos trabalhadores, né, e aí foi onde a gente retomou essa luta e está aí até hoje. Com relação à luta no campo, a União Operária tem também a função de trabalhar a luta, a unidade da luta dos trabalhadores, que seja no campo ou na cidade. A gente acompanhou também as ocupações de terra que houve aqui, as repressões dos trabalhadores. O sindicato dos trabalhadores rurais funcionou durante muito tempo aqui com a gente, também no mesmo espaço, né, por aqui passavam todas as lutas, né? A luta mais dura que teve aqui da questão da Reforma Agrária foi, que a gente acompanhou, a ocupação da fazenda Noruega, em Novo Cruzeiro, foi a primeira luta da Reforma Agrária aqui no Vale do Rio Doce, e depois a ocupação da fazenda do Ministério, é um grande latifúndio que a



gente tinha aqui do Ministério da Agricultura, que estava abandonado, sendo usado pelos fazendeiros, e aí os trabalhadores rurais se organizaram, né, e ocuparam essa fazenda, foi uma das grandes lutas que teve. Muita repressão, muita perseguição, né, e a gente estava sempre presente com eles, né, veio o MST depois, veio o MST logo em seguida, e a gente foi fazendo o acompanhamento (Trecho Incompreensível). E aí a gente foi fazendo, acompanhando a luta, né? Então assim, da repressão, né, o quê que nós, sindicalistas, na época eu era sindicalista também, eu era trabalhadora gráfica, trabalhava em uma grande gráfica aqui da cidade. Qual era o que nós mais sentimos? Foi a perseguição mesmo, do cerceamento do direito ao emprego, as lideranças eram demitidas, ainda tem até hoje trabalhador que foi demitido e nunca mais arrumou emprego. A gente tinha, era perseguido, polícia estava sempre lá nas nossas assembleias. Tinha uns agentes da P2 que a gente com o tempo foi identificando, que toda assembleia dos trabalhadores estavam presentes. Então a repressão se deu nesse sentido, né, o cerceamento ao direito ao emprego, fichar no DOPS, né, fichar na polícia, e ficar vigilante às nossas assembleias dos trabalhadores daquela época.

ENTREVISTADOR: A senhora sabe de casos que envolva violência tipo tortura, prisões arbitrárias, mortes?

MARIA DA GLÓRIA: Não, eu não sei. Sei da história, mas não presenciei esses...

ENTREVISTADOR: Entendi. E sabe de fontes de pessoas que saibam alguma coisa nesse sentido? Por exemplo, tem uma história aqui que durante aquele período pós-64, muitos trabalhadores, inclusive rurais, teriam sido mortos e até jogados no rio. Muitas pessoas dizem isso. A senhora sabe de alguma fonte que possa confirmar isso? Alguma pessoa, algum familiar, alguma notícia?

MARIA DA GLÓRIA: Não, não sei.

ENTREVISTADOR: Mas essa história, ela...

MARIA DA GLÓRIA: Essa história rola, né? Igual eu falei para vocês, Valadares é uma cidade de coronéis, né? Por exemplo, além dessa história rolam outras do antigo Coronel Pedro que tinha aqui, que matava trabalhador, matava as pessoas. Rola muita história aqui na cidade, né, mas a gente, assim, eu vim para cá em 64.

ENTREVISTADOR: 64. Na época.

MARIA DA GLÓRIA: É, na época mesmo, menina ainda, então não tinha ainda esse conhecimento, né? O que eu sei contar para vocês é o que eu já li na história e já conversei com

outras pessoas que passam isso para a gente, mas conhecimento, assim, de pessoas que houve...

ENTREVISTADOR: Em relação à militância sindical da senhora, então quer dizer que é mais essa questão do cerceamento, a questão do acesso ao emprego, o monitoramento das reuniões. Houve fatos, por exemplo, de reuniões terem sido, por exemplo, impedidas pela ação da polícia?

MARIA DA GLÓRIA: Não, não houve. Não houve. Houve o cerceamento, né, por exemplo, você está em uma assembleia, você levanta a cabeça e você vê um fulano lá no meio dos trabalhadores, né, você acaba ficando...

ENTREVISTADOR: Constrangido. Com medo...

MARIA DA GLÓRIA: Constrangido. É. Outra hora vai ter uma assembleia, o carro da polícia ficar passando ali em volta, ou para na esquina e fica lá de plantão, houve todos esses fatos, houveram várias vezes, assembleias de bancários, de trabalhador da indústria de alimentação, de você ir fazer um trabalho na mobilização na porta de uma empresa, chega lá a polícia já está lá te esperando, né, e te inibindo de fazer o trabalho. Isso houve dezenas de vezes.

ENTREVISTADOR: E nessas ações de rua que os sindicatos e os movimentos fazem, há relatos ou casos de violência policial, por exemplo?

MARIA DA GLÓRIA: Não, eu não presenciei.

ENTREVISTADOR: Entendi. E em relação, especificamente, aos trabalhadores rurais, a senhora falou rapidamente. Além do sindicato, muita gente ainda faz referência aqui à União Operária, que tem outros benefícios que a União Operária favorece os trabalhadores. A senhora tem relatos de casos específicos no campo, no interior, que envolva algum tipo de violência?

MARIA DA GLÓRIA: Não. Vocês já tiveram lá no sindicato para conversar com a liderança lá?

ENTREVISTADOR: Já.

MARIA DA GLÓRIA: Com o Tião? Nós estamos vivendo um momento de, assim, os arquivos vivos, né, os arquivos, eles estão acabando. Então assim, a gente, os novos que estão vindo sabe mais superficialmente, que é o meu caso, o caso... o Tião também é bem mais novo do que eu. Mas pessoas que viveram a época, igual o Zé Aparecido, está lá na roça, não vem mais na cidade, pessoas que viveram esse tempo não estão mais na luta, né? Então assim, não é do nosso convívio hoje. Na União Operária, por exemplo, não tem mais quase ninguém vivo da época mais. Dessa época.

ENTREVISTADOR: As antigas diretorias?

MARIA DA GLÓRIA: Antigas diretorias, quase não tem ninguém vivo mais. Então assim, é um arquivo que já morreu junto com as pessoas, né? Mas os livros estão aí para contar, as organizações, se vocês quiserem...

ENTREVISTADOR: (Trecho Incompreensível), porque talvez, o que a gente poderia então verificar é no que a senhora acha que tem de documento importante, além dos livros de ata, a gente pode dar uma olhada, especificamente, talvez nesse período, pré-64, 64, depois (Trecho Incompreensível), que às vezes pode ter algum relato. Teria alguma outra publicação que a senhora tem conhecimento?

MARIA DA GLÓRIA: Não.

ENTREVISTADOR: Algum recorte de jornal?

MARIA DA GLÓRIA: Nada, nada.

ENTREVISTADOR: Nesse período?

MARIA DA GLÓRIA: Nem fotografia, nada, nada.

ENTREVISTADOR: O tal do Jornal Combate, aqui não tem nada do Jornal Combate?

MARIA DA GLÓRIA: Não, nenhuma edição.

ENTREVISTADOR: Nenhuma Edição?

MARIA DA GLÓRIA: Nenhuma edição.

ENTREVISTADOR: E do jornal chamado Em Tempo, também não?

MARIA DA GLÓRIA: Não, nenhuma edição. A gente já ouviu falar, mas não tem nenhuma edição.

ENTREVISTADOR: O que teria de documento aqui que a senhora acha que pode ter alguma coisa são as atas das assembleias?

MARIA DA GLÓRIA: São as atas. As atas das reuniões da entidade, das coisas que faziam, né? Grande parte do que a União Operária fazia também, além de dar essa assistência, assistência mesmo aos trabalhadores, era, promovia também o lazer, né, festas de 1º de maio, fazia velórios dos trabalhadores.

ENTREVISTADOR: Sei. Virou assistência básica, né?

MARIA DA GLÓRIA: Era uma assistência básica, social, né, não era...

ENTREVISTADOR: Os trabalhadores aqui nunca, pelo poder público, nunca foram muito bem tratados, vamos dizer assim?

MARIA DA GLÓRIA: É, não, não. Nunca foram muito bem tratados.

ENTREVISTADOR: Então as entidades acabam suprindo essa...

MARIA DA GLÓRIA: Acabam suprindo essa demanda, né? E aí depois, aí os sindicatos foram se organizando, muita, hoje o sindicalismo caiu em um refluxo, está muito fechado, mas assim, está difícil até de você, a perseguição foi tanta que foi difícil até de se arrumar pessoas que quisessem organizar categorias, sabe? Porque a perseguição era demais da conta, às vezes você fazia uma reunião com, por exemplo, o pessoal dos metalúrgicos, teve muita dificuldade para se organizar, até em função da tradição da luta que vinha de São Paulo. Teve muita dificuldade. Quando eles faziam uma reunião, aí quando chegava no outro dia e chegava na empresa já tinham dois, três demitidos.

ENTREVISTADOR: Era uma forma de...

MARIA DA GLÓRIA: De não deixar organizar, só conseguia juntar um grupo para formar um sindicato, e esses foram perseguidos, perseguidos, perseguidos, demitido. Nossa! O sindicato que mais sofreu aqui foi o sindicato dos metalúrgicos, e no início os bancários. A gente tem até hoje, a gente ainda tem hoje aqui no meio da gente um trabalhador bancário que foi demitido, trabalhava no BEMGE, ele foi demitido na época da organização do sindicato e nunca mais arrumou emprego.

ENTREVISTADOR: Na área bancária era assim, se foi demitido de um banco acabou, né?

MARIA DA GLÓRIA: Acabou. E era do BEMGE, né, então, e aí ele foi, ficou, foi para o sindicato, né, ajudar a organizar, e por lá está até hoje, que nunca mais arrumou outra coisa, processo (Trecho Incompreensível). Mas é isso.

ENTREVISTADOR: Nós já conversamos muito, né, Maria? Se a gente puder, então, ter acesso ao material para dar uma olhadinha.

MARIA DA GLÓRIA: Tá. Vocês querem agora?

ENTREVISTADOR: É.

MARIA DA GLÓRIA: Então vamos lá que eu vou...

ENTREVISTADOR: Se a senhora pudesse fazer essa gentileza.

MARIA DA GLÓRIA: Vou arrumar uma mesa lá para vocês...